

# Comunidade estudantil contra prescrições na UEM

## ● 6.ª Reunião Anual Consultiva encerra na capital

MATIAS MANDLATE

N 17/4/98

A COMUNIDADE estudantil da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) manifestou o seu desejo de ver abolidas naquela instituição de ensino superior as prescrições, sustentando que esta prática tem sido usada por docentes para fins do seu interesse, que incluem casos conhecidos mas não revelados de corrupção sexual. Os discentes dizem ainda que, pela mesma razão, as faculdades têm estado de ano para ano a ver crescidos os problemas de espaço físico, chegando-se ao extremo de haver discentes que são forçados a assistir às aulas de pé ou então levados a movimentar mobiliário escolar duma sala para outra.

Estas questões, apresentadas no decurso do debate da proposta de plano estratégico da UEM havido nos trabalhos da 6.ª Reunião Anual Consultiva daquele estabelecimento de ensino superior, ontem terminado em Maputo, são associadas a outras que, segundo os estudantes, afectam em grande medida as actividades académicas, como seja a existência de um número considerável de docentes sem formação adequada. A este propósito, falou-se de casos de professores que ainda são estudantes na mesma faculdade.

O Magnífico Reitor da UEM, Prof. Doutor Brazão Mazula, comentando estas observações e outras que foram surgindo durante os debates, disse reconhecer a existência de problemas, alguns dos quais graves para uma instituição daquele calibre, como a ocorrência de erros aritméticos. "É um facto que a nossa universidade ainda tem problemas em várias áreas, desde os currículos, reprovações em número elevado, de gestão, passando pelos problemas de infra-estruturas físicas que não satisfazem as necessidades actuais", afirmou.

Referiu, no entanto, que a superação destes problemas não

passa somente pela boa vontade e trabalho isolado da Reitoria, mas sim deve haver acções coordenadas de todos os que directa ou indirectamente lidam com a instituição.

Nos debates em torno da proposta do plano surgiram intervenções questionando o facto de o documento apresentado ser até certo ponto irrealista, se se atender à actual conjuntura do país. Disseram os intervenientes que ao ser elaborada a proposta não se teve em conta aquilo que é a realidade hoje da UEM, daí que surjam ideias nela contidas que se mostram irrealizáveis ao longo dos dez anos previstos.

Nem a informação de que a proposta do plano passaria ainda por vários debates a níveis mais localizados amainou as posições dos que a julgavam inadequada, tanto mais que sugestões houve indicando a reformulação do documento de modo a torná-lo mais prático e real, na perspectiva de evitar situações de dentro de pouco tempo ter que se realizar mais

um encontro com os mesmos propósitos.

As intervenções dos participantes sugeriram que nos próximos tempos a Reitoria estabeleça mecanismos que permitam que a elaboração de planos do género seja feita a partir de recolha de sensibilidades ao nível das unidades da instituição, defendendo que desse modo podem surgir ideias mais concretas para cada sector, uma vez as ideias terem partido de pessoas ligadas e que conhecem a real situação de cada um.

A estas questões, a Reitoria respondeu que não havia espaço para alarme, pois que o que estava a acontecer era simplesmente o lançamento de ideias que merecem ser apreciadas e aprofundadas. Disse ainda que o importante é que todos os sectores interessados se envolvam no sentido de tornar a UEM num estabelecimento forte, competitivo e, em última análise, à altura dos desafios do desenvolvimento do país.